



LINGUAGEM ACANALHADA E ESCRITA SIMPLES: Uma comparação entre os narradores de *Angústia* e *A hora da Estrela*.

Francisco Benedito Leite¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre os narradores dos romances *Angústia* de Graciliano Ramos e *A hora da estrela* de Clarice Lispector. O propósito é levar em conta as características formais e o conteúdo literário para que se chegue a interpretações plausíveis a respeito dos textos.
PALAVRAS-CHAVE: narrador, romance, linguagem baixa, literatura

ABSTRACT: The present work aims to perform a comparative analysis between narrators of novels *Angustia*, by Graciliano Ramos, and *The Hour of the Star*, of Clarice Lispector. The purpose is to take into account the characteristics formed and the literary content in order to arrive at plausible interpretations of the texts.
KEY WORDS: narrator, romance, low language, literature

92

Introdução

É possível notar algo em comum entre os narradores dos romances: *Angústia* e *A Hora da Estrela*. Cada um a seu modo, os dois narradores optaram por uma linguagem assumidamente simples e direta, como eles mesmos fazem questão de deixar claro e repetir por várias vezes ao longo de suas narrativas. A seguir há uma descrição do modo como isso se dá nas duas narrativas.

Assim, apontaremos, em primeiro lugar, como se dá a dita “linguagem acanalhada” de Luís da Silva, a sim chamada por ele mesmo no romance de Graciliano Ramos *Angústia*, no qual ele é o narrador; na sequência, em segundo lugar, apontaremos como se dá a linguagem simples de Rodrigo S. M., narrador do romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

Tanto em um caso quanto em outro há convergência entre forma e conteúdo, a linguagem baixa, chamada de um ou de outro modo, que constrói o romance, como pudemos verificar nos dois casos, é característica também das

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; bacharel em Letras (Português-Grego) pela Universidade de São Paulo; mestre em Ciências da Religião; doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo; professor de Teologia na Faculdade Messiânica; e-mail: ethnosfran@hotmail.com



personagens por elas descritas. Assim verificamos que linguagem sim constrói pessoas simples como uma forma de crítica social intrínseca.

As referidas análises foram construídas com base em estudiosos de Literatura Brasileira, cujos trabalhos são reconhecidos, a saber, *Lispector com a ponta dos dedos*, de Vilma Arêas, *Uma história do romance de 30*, de Luís Bueno e o prefácio de Angústia de Santiago Silviano.

Entendemos que a teoria da linguagem baixa do filólogo Erich Auerbach está em convergência com as propostas de interpretação oferecidas pelos estudos mencionados, e ainda oferece um sólido embasamento fundamental a nossa proposta de leitura, que é mostrar a utilização da relação da forma e do conteúdo nesses dois romances para construir uma crítica social incisiva, mas bem emoldurada pelos elementos do romance.

Por fim, a leitura do artigo: *Erich Auerbach Sociólogo*, de Leopodo Waizbort dá uma abordagem materialista à própria leitura dos dois romances, quando realizada à luz de Auerbach – como fizemos –, pois a proposta dessa leitura sociológica é que os fenômenos literários, como os que aqui notamos, podem ser lidos na perspectiva do materialismo histórico.

93

A linguagem baixa e acanhada de Luís da Silva

O protagonista Luís da Silva, que narra *Angústia* em primeira pessoa, ao longo do romance descreve o modo como os demais personagens do romance falam. Pode-se tomar como exemplo seu comentário a respeito de suas observações sobre o modo como Moisés e as pessoas ao seu redor falavam quando ele estava sentado junto à vitrina de cigarros:

Sim, percebo, embora tenha sintaxe medonha e pronúncia incrível. Faz rodeios fatigantes, deturpa o sentido das palavras e usa esdrúxulas de maneira insensata.

(...) Perto um capitalista fala muito alto, e os cotovelos sobre o mármore dão-lhe na sala estreita espaço excessivo. No grupo da justiça as palavras tombam medidas, pesadas, e os gestos são lentos. Além dois políticos cochicham e olham para os lados (RAMOS, 1969, p.37 grifo nosso).



É notável que o modo de falar dos personagens tem a ver com o próprio caráter de cada um deles. Não é por acaso que os políticos cochicham e olham para os lados, que o grupo da justiça tomba palavras pesadas, realiza gestos lentos e que os capitalistas falam alto e excessivamente. Pois através dessas descrições, observa-se as características fundamentais dos personagens-bloco que compõem o pano de fundo do romance. O primeiro grupo é caracterizado como corrupto, por isso carecem de falar baixo e atentamente; o segundo é caracterizado como lento e comedido, pois a justiça é lenta e parcial; e o terceiro grupo é ruidoso por possuir lugar de destaque na sociedade.

Mais evidente do que a caracterização que esses personagens secundários recebem através de suas falas é o modo como os personagens mais importantes do romance se caracterizam. Note o comportamento de Moisés, que estava falando (conforme o trecho grifado no excerto destacado acima), mas deixa de falar diante da proximidade das autoridades.

De repente cala-se: foi o Doutor Chefe da Polícia que apareceu e começou a cochichar com os políticos. O dedo de Moisés some-se entre as folhas do jornal, o revolucionário esconde-se por detrás do sorriso inexpressivo. Covardia (RAMOS, 1969, p.37, grifo nosso).

Ainda mais interessante é o modo como apresenta a forma como Julião Tavares, o oponente do narrador Luís da Silva, expressa-se no primeiro momento em que entra em cena no romance:

O outro sujeito inútil que nos apareceu era muito diferente. Gordo, bem vestido, perfumado e falador, tão falador que ficávamos enjoados com as lorotas dele. Não podíamos ser amigos. Em primeiro lugar o homem era bacharel, o que nos distanciava. Pimentel, forte na palavra escrita, anulava-se diante de Julião Tavares. Moisés apesar de falar cinco línguas, emudecia. Eu que viajei muito e sei que há doutores quartaus, metia também a viola no saco (RAMOS, 1969, p.61).

(...) Ouvia-o, na festa de aniversário de um figurão, conversar com uma sirigaita. Eu também bebendo cerveja no jardim, e eles num caramanchão diziam besteiras horríveis. Como falavam alto, percebi claramente as palavras de Julião Tavares. Não tinham sentido. Como o discurso do Instituto Histórico (RAMOS, 1969, p.61).



Julião Tavares, capitalista, bacharel, patriota, deflorador de jovens interesseiras, mas, sobretudo, “falador”. Essa última característica já irritara o narrador Luís da Silva desde o momento em que o conheceu, além disso, o modo como Luís da Silva descreve seu próprio modo de falar é justamente o extremo oposto do modo como descrevera a fala de seu algoz, o que revela também a existência de uma oposição extrema, um antagonismo, entre os dois personagens.

A minha linguagem é baixa e acanalhada. Às vezes sapeco palavões obscenos. Não os adoto escrevendo por falta de hábito e porque os jornais não os publicariam, mas é a minha maneira ordinária de falar quando não estou na presença dos chefes. Com Moisés dá-se coisa semelhante. Apenas, se lhe acontece engasgar-se, recorre a locuções estrangeiras. As nossas conversas são naturais, não temos papa na língua. Abro um livro, fico alguns minutos fazendo cacoetes, de repente dou um grito:

- Que sujeito burro! Puta que pariu! Isto é um cavalo (RAMOS, 1969, p.61).

É curioso que Graciliano Ramos coloque na boca de Luís da Silva a palavra “acanalhada” para se referir à linguagem vulgar, pois em *São Bernardo* esse mesmo termo se refere à linguagem pedante dos homens estudados que são convidados por Paulo Honório para ajudá-lo a escrever seu livro.

O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do Cruzeiro apresentou-me dois capítulos dactilografados, tão cheios de besteira que me zanguiei.

Vá para o inferno, Godim. Você acanhalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma! (RAMOS, 1975, p.8,s.).

O que permite que o narrador descreva com precisão o modo como os personagens falam e a relação que esse modo de falar tem com a personalidade de cada um, assim como a descrição de sua própria fala em oposição à de seu rival, é o elenco de suas principais características, o “voyeurismo”, seu “impasse nas relações” e “a vivência em dois mundos”.



O modo de observar, característico de Luís da Silva, foi desenvolvido por Luís Bueno em *Uma história do romance de 30* (2002, p. 624s.), onde o crítico atribuiu-lhe o termo francês *voyeur* para sintetizar essa sua característica. A palavra se refere àqueles cujo prazer da observação é um fim em si mesmo, e, nesse caso, o prazer que Luís da Silva tem em observar está relacionado com seu “impasse na relação com o outro”; esta é outra característica destacada por Luís Bueno (2002, p.623).

A terceira característica elencada, “a vivência em dois mundos”, observada tanto por Luís Bueno (*ibidem*. p.623) quanto por Silviano Santiago (2003, p.295ss.), refere-se à vivência do narrador em ambientes diferentes, o que também fundamenta sua necessidade de falar de um modo e escrever de outro. Pois como personagem provindo de um mundo decadente, ainda possui uma educação recebida na velha ordem, a qual é utilizada quando realiza o ofício de escritor, mas em sua vida cotidiana, utiliza-se da fala vulgar a que se adaptou devido ao contexto que lhe cerca.

96

A escrita simples de Rodrigo S. M.

Por seu turno, Rodrigo S. M. afirma que escreve de modo simples, mas sua simplicidade exige empenho: “Que ninguém se engane, só consigo simplicidade através de muito trabalho” (LISPECTOR, 1998, p.11). Pois é ele próprio que se propõe a não ser complexo (LISPECTOR, 1998, p.12) e, mais do que isso:

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás, o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria (LISPECTOR, 1998. p.14).

Todos esses avisos de Rodrigo S. M. pretendem preparar o leitor para a narrativa do texto que se iniciará, funcionam como uma espécie de *capitatio benevolentia* degenerada. Assim como na comédia, na “novela” de Macabéa, também há a queda da quarta parede. Assume-se a ficcionalidade da narrativa e prepara-se o público para o que vem a seguir, diferentemente da tragédia, onde



os atores simulavam a existência de uma barreira entre eles e o público. Não é por acaso que Vilma Arêas propõe que *A Hora da Estrela* possua uma estrutura circense (2005, p.74-108). Se em vez de comédia há um circo, então não há lugar mais apropriado para a linguagem simples do que esse ambiente.

Observe-se então que o narrador utiliza a linguagem simples para tratar de uma narrativa simples:

Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu. Embora tenha como pano de fundo – e agora mesmo – a penumbra atormentada que sempre há nos meus sonhos quando de noite atormentado durmo. Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca por sua própria natureza desprezível por todos. É que a essa história falta melodia cantábil. O seu ritmo é às vezes descompassado. E tem fatos. Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir (LISPECTOR, 1998 p.16, grifo nosso).

97

Desse modo, tanto a forma como o conteúdo buscam uma pretensa simplicidade a ponto de levar o autor a afirmar que não lê nada para que não contamine a simplicidade de sua linguagem (LISPECTOR, 1998, p.23). Mas, mais importante do que a característica ausência de diferenciação entre forma e conteúdo – natural nos romances de qualidade – é que a simplicidade da linguagem se encarna na própria protagonista, Macabéa: “E achava bom ficar triste. Não desesperada, pois isso nunca ficara já que era tão modesta e simples mas aquela coisa indefinível como se ela fosse romântica” (LISPECTOR, 1998, p.34, grifo nosso.).

Observa-se ainda que Macabéa, além de ser simples, também projeta uma realidade simples:

(...) Pois era muito impressionável e acreditava em tudo o que existia e no que não existia também. Mas não sabia enfeitar a realidade. Para ela a realidade era demais para ser acreditada. Aliás a palavra realidade não lhe dizia nada. Nem a mim, por Deus (LISPECTOR, 1998, p.34)



Com os esclarecimentos prévios que Rodrigo S. M. dá a seu narratário, torna-se possível que o impacto sentido com a apresentação da protagonista seja menor, pois o leitor já estará mais próximo dela. Por isso é válido classificar esse romance como “romance de aproximação” do mesmo modo como Antônio Cândido classificou a obra *Perto do coração selvagem*, da mesma autora (1970, p.128).

Aproximação entre os narradores

Partindo dessa retomada sumária de alguns excertos dos dois romances estudados, estabelecem-se duas informações importantes. Em primeiro lugar sabe-se que Luís da Silva é um homem que se utiliza da linguagem de dois modos diferentes, a saber, da linguagem baixa cotidianamente e da linguagem culta, que recebera no velho regime, utiliza-se dessa última apenas para escrever. Em segundo lugar sabe-se que Rodrigo S. M. esforça-se para escrever em linguagem simples, buscando, com muito esforço, fazer sua linguagem compatível com sua personagem Macabéa.

Nas duas narrativas há, portanto, dois narradores que simulam suas linguagens. Luís da Silva abre mão de sua “fala acanhada e baixa” para atender as exigências de gênero dos suportes que publicam seus textos; Rodrigo S. M. abre mão de sua linguagem culta e refinada para se aproximar do objeto de seu texto. Ambos estão na contramão de seu próprio estilo.

A linguagem simples remete sempre a releitura do clássico texto de Eric Auerbach, *Fortunata* (2011, pp. 21-42). Nesse texto, o celebre crítico analisa o estilo do texto do *Evangelho conforme São Marcos* e demonstra as convergências de forma, conteúdo e momento histórico-social. Afirma que no mundo antigo só se escrevia de coisas baixas através do gênero baixo: “A limitação da consciência histórica na literatura no mundo antigo permitia que a literatura só representasse a vida quotidiana através do estilo baixo, nunca de modo sério” (2011, p.29). Pois não era atitude digna que um historiador escrevesse a respeito de determinados assuntos: “A diferença entre Tácito e o historiador moderno é que o primeiro não acha digno tratar dos assuntos de



interesse das baixas camadas sociais” (2011, p.31). Era desse estilo que Rodrigo S. M. tentava se aproximar.

Enquanto que a linguagem alta, característica de textos oficiais, dá-se da seguinte forma: “O narrador descreve a si mesmo e não apenas Fortunata. Sua linguagem é um jargão ordinário, pastosa, cheia de frases prontas e, sobretudo, exprime emoções vivas: linguagem da bisbilhotice” (2011, p.23). Nesse modelo podemos enquadrar o estilo que Luís da Silva tinha que emoldurar seu discurso para escrever nos jornais. Além disso, seu texto tinha que ser estilizado e moralista: O estilo historiográfico exige que o discurso seja estilizado por motivos estéticos (2011, p.33). A segunda grande característica, vinculada com a primeira, é o moralismo (2011, p.34).

Os dois narradores, em seu uso da linguagem vão em sentidos opostos, o objetivo de um vai de encontro com a do outro, embora ambos simulem a utilização da linguagem por motivos específicos.

Conforme Leopoldo Wainzbor, Auerbach teve um “programa crítico-analítico que compreende a obra de arte literária imersa em sua condição histórica e social” (2004, p.61). Isto é, assim como Geog Lukacs (1999), para Auerbach:

“Compreender a obra significa ser capaz de captar essa tensão de forças que se configura entre uma subjetividade e a objetividade do mundo na qual ela existe e que em alguma medida também a modela” (2004, p. 62).

Em ambos os romances a linguagem significa lugar social, para cada tipo de narrativa existe uma linguagem correspondente, cada manifestação da fala corresponde a um tipo de caráter. Ou seja, a fala e até mesmo o modo como os narradores se utilizam da linguagem abre uma fissura que permite ao leitor espiar a luta de classes, as forças históricas em oposição – para se referir à interpretação de Waizbor quando trata do fenômeno da linguagem simples estudado por Erich Auerbach.

Considerações finais



Nosso ensaio apresentou uma comparação entre dois romances da Literatura Brasileira: *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e *Angústia*, de Graciliano Ramos; mais particularmente realizamos uma comparação entre o recurso literário da utilização da “linguagem baixa” nos dois livros, o qual é claramente enunciado pelos próprios narradores dos dois romances.

Em *Angústia*, para utilizar a linguagem do próprio narrador, Luís da Silva, tratamos o referido recurso como “linguagem acanalhada”, enquanto em *A Hora da Estrela*, tratamos como “linguagem simples”, pois também nesse caso utilizamos o termo fornecido pelo próprio narrado, Rodrigo S. M.

Realizamos a comparação dos dois textos destacando excertos das duas obras literárias e apontando as convergências entre forma e conteúdo, que é a característica fundamental dos romances de qualidade reconhecida, e, no caso dos examinados, pode ser considerado um elemento fundamental para se entender características literárias basilares, modo como os narradores relacionam-se com as personagens narradas.

As leituras dos textos dos críticos literários Santiago Silviano, Vilma Arêas, Luís Bueno foram fundamentais para que alcançássemos nossas interpretações sobre os dois romances e seus conteúdos podem ser considerados convergentes com as do filólogo judeu-alemão Erich Auerbach, que na visão do sociólogo Leopoldo Wainzborn procede como um materialista histórico.

O resultado obtido em nosso estudo mostra que a crítica social está latente nos dois romances, e justamente por não estar no discurso direto, nem do narrador nem das personagens, constrói-se pela convergência entre forma e conteúdo, através da dissimulação característica da literatura elevada.

Referências Bibliográficas

- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental – 5ª edição*. Vários tradutores (Coleção Estudos; 2). São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.



CÂNDIDO, Antônio. “No raiar de Clarice Lispector”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, Georg. O romance como epopeia burguesa. In: *Revista de Filosofia/Política/Ciência da História*. Tomo II– Música e Literatura. n. 1. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

RAMOS, Graciliano. *Angústia* – 11ª Edição. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.

_____. São Bernardo – 24ª Edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Record/Martins, 1975.

SANTIAGO, Silvano. “Posfácio”. In: *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

WAINZBORT, Leopoldo. Erich Auerbach sociólogo. In: *Tempo Social* (USP) v.16 n.1 São Paulo jun. 2004.